

Mas o homem identifica-se, na existência banal, com todo o mundo. Logo a banalidade é o ser entre o nascimento e a morte. Quando um ente humano é, relaciona-se sempre com o *poder ser*. Em toda a existência há uma *inclusão*, logo uma *espera*, resultante duma contínua insatisfação. Suprimir essa *espera* é suprimir a existência, é aniquilar o ser. A existencialidade quando chega à sua etapa final, constituiu uma totalização; o homem atinge, então, o seu valor integral. Terminada a existência dá-se a transformação do ser corporal, mas a sua *essência* continua em relação com as demais *essências*. A *angústia* que representa, então? Representa o fim de toda a existência banal, resultante da luta do homem com o mundo. A mesma *angústia*, num grau elevado, produz o desinteresse e a despreocupação no ser e por vezes o mal estar e o desamparo (*geworfeneheit*). A *angústia* é o «sentimento do abismo do *hiatus irrationalis*». A voz da *angústia* é a consciência e esta, como ele-

mento da existência, não julga nem aprecia nada. O seu exame leva-nos, contudo, à preocupação consciente da sua própria essência e a existência compreende-se, então, a si mesma. A existência não está no tempo mas o tempo é o fundamento de todo o ser. O elemento de toda a existência é a verdade, que é anterior a todo o conhecimento e a todo o juízo. A verdade é o descoberto (*Entdocktsein*); está oculta nas cousas mas é acessível a todo o ser.

3 — Em resumo: — O corpo e a alma constituem a *existência* do ser humano, mas não a sua *essência*. Ora a metafísica de H. é a realidade dessa *essência* e por isso o campo da metafísica existencial não está no estudo da biologia (corpo) nem da psicologia (alma). Logo o homem não é homem pelo facto de ter corpo e alma. O que define o homem na esfera metafísica é a sua *essência* que perdura através os séculos.

4 — (a)-(b) — Las tendencias actuales de la Filosofía Alemana — Gurvicht; (c) El Idealismo fenomenológico... Carlos Astrada.

J O ã O F R A D E C O R R E I A

CARTA COMENTÁRIO

A presente carta do Dr. José Neiva tem para nós um grande valor: ela define com precisão a atitude de Síntese perante questões desta natureza. Para isto chamamos a atenção dos leitores.

Pode ser que no meio desta linguagem desprezenciosa como é sempre a da correspondência de dois amigos sem cerimónia, os leitores da «Síntese» alguma coisa aproveitem. Os 100% intelectuais, aqueles que não admitem para assuntos desta natureza outra linguagem que não seja a grave exposição académica, que virem a página e não percam tempo com a nossa prosa.

Meu caro:

O que primeiro me impressionou quando me falaram num artigo teu foi o assunto escolhido. É um assunto muito em moda,

muito *chic* até, quasi tão obrigatório como as «operações à apendicite» ou os casacos de linho no verão de 1940, e, temos de concordar, um tanto sedutor. Na realidade o *snoob intelectual* (perdoa-me a expressão) não pode falar ou escrever sem se referir com ares superiores ou à filosofia fenomenológica alemã ou à logística da Escola de Viena. São modas. Evidentemente que esses a quem tu e eu ouvimos falar enfaticamente de Husserl, Scheler, Hartmann, Carnap ou Shlick, sabem apenas os nomes destes autores e mais ou menos de cór algumas das suas principais afirmações.